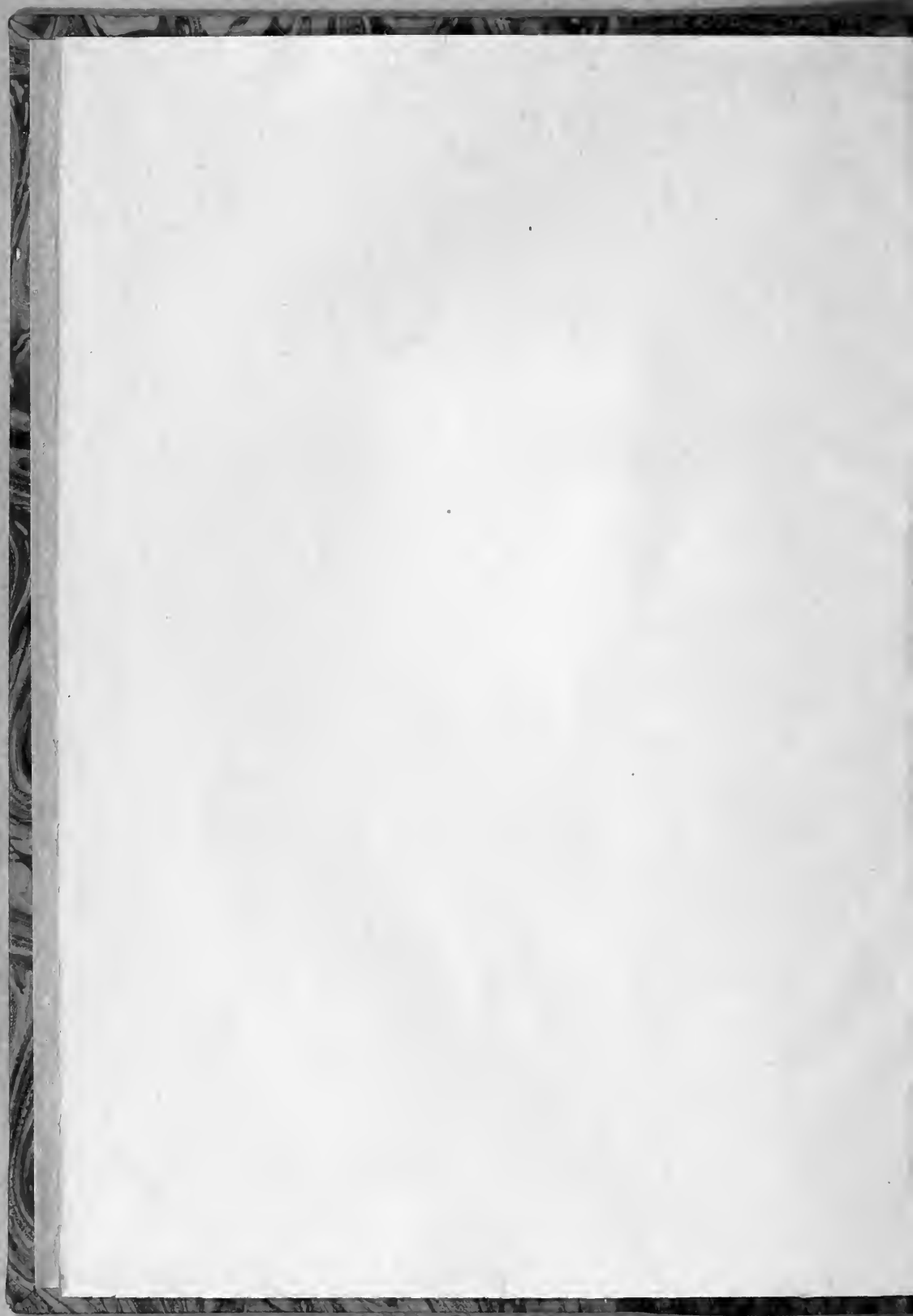






John Carter Brown
Library
Brown University





C A R T A
D O
COMPADRE DE BELÉM
A O REDACTOR
D O
ASTRO DA LUSITANIA
DADA Á LUZ
PELO COMPADRE DE LISBOA.

Os meninos innocentes
escapáraõ a Herodes.

Sarrabal Saloio, pagin. 780.

L I S B O A :

NA OFFIC. DE ANTONIO RODRIGUES CALHARDO;

Impressor do Conselho de Guerra.

Com licença da Commissão de Censura.

1820

THE

WILLIAMSON & CO. LTD.
LONDON

WILLIAMSON & CO. LTD.

WILLIAMSON & CO. LTD.

WILLIAMSON & CO. LTD.

WILLIAMSON & CO. LTD.
WILLIAMSON & CO. LTD.
WILLIAMSON & CO. LTD.

WILLIAMSON & CO. LTD.

WILLIAMSON & CO. LTD.
WILLIAMSON & CO. LTD.
WILLIAMSON & CO. LTD.

(RUC)

AINDA que eu era pouco inclinado a ver os Periodicos, que hoje se publicão, desenganei-me de que he necessario dar-me a esse trabalho; porque quero ser Deputado nas Cortes, e dizem-me que para isso convém muito ganhar reputação de homem literato. Assentei (e foi lembrança minha) que se me fizesse Author, seria ouro sobre azul; porque hum homem Author, ainda que seja de hum annuncio de *Armazem de fato para vender*, fica desde logo com a sua reputação estabelecida, e com direito indisputavel para censurar tudo o que se diz, e o que se faz; e não lhe posso encobrir que a minha balda he essa. Faça-me pois o obsequio de mandar imprimir esta Carta, a qual eu remetteria ao Redactor do *Astro da Lusitania* se não visse no fim do N.º 16 delle, que esse Senhor tem tanta desta mercadoria, que já lhe falta armazem para arrumalla.

Grande vontade era a minha de fazer tambem hum Periodico, porque no meu conceito não se pôde escrever humma obra, nem mais util, nem que dê maior nome; como isto porém excede muito ás minhas forças, seguirei o exemplo dos Santos Padres, que não se achando com barbas para fazer Evangelhos, escreviaõ *homilias* sobre elles. Talvez algum chame a isto *impostura*, mas isso he o que eu desejo; porque o que quero he passar por hum homem de *importancia*; e pelo que me dizem, este he o caminho mais breve para o conseguir. Saiba pois V. m. que eu sou para a sua pessoa hum reverente criado, mas para o resto do muado hum

Impostor verdadeiro.

Belém 12 Dezembro 1820.

P. S.

A minha *gota* impede-me ser eu o portador; mas espero que V. m. não se descuide, porque tenho appetite de ver já o meu nome a correr por esse mundo.

I *

Sr. Redactor do Astro da Lusitania.

ANTES de eu lêr o seu Periodico, assentava que para ser hum verdadeiro *Patriota Constitucional*, amante como sou da minha querida Patria, e defensor da justa causa em que ella se achã tão felizmente empenhada, eu devia pela minha parte manter a uniaõ dos Cidadãos com o Governo, por me parecer que ella nunca foi mais necessaria. Tambem julgava que o meu primeiro dever era respeitar esse Governo, e concorrer para que todos o respeitem; porque não pôde haver confiança no que se despreza. Entendia mais que eu devia olhar áquelles que o compõem como homens, que estão servindo a Nação, que forão escolhidos por ella, que a representaõ, que tem procurado o seu verdadeiro bem, e trabalhado tão corajosamente para o consegnir. Assentava finalmente em que era possível, e até facil interpôr com alguma segurança, juizo sobre aquillo, que o Governo faz, porque se vê a razão porque o faz, as relações que tem as medidas por elle adoptadas com o systema Geral da Administração, e o bem, ou o mal que daqui pôde resultar aos differentes ramos della; julgar porém do que o Governo não faz, sem saber porque o não faz, parecia-me arriscado.

O que sobre tudo eu reputava objecto de grande consideração para se tratar já, eraõ as reformas nas pessoas, e nas cousas. Que ellas devem fazer-se, he para mim hum artigo de fé; e creio que em Portugal não haverá homem tão falto de juizo, que se persuada de que os bens públicos haõ de continuar a ser dados, possuidos, e administrados a titulo de meras contemplações, filhas da superstição, do orgulho, e da ignorancia — Que a Agricultura ha de continuar a ser opprimida com o pezo dos direitos, tributos, e regalias, que só servem de manter no ocio, e quasi sempre no crime aquelle que as disfruta, e gosa com offensa da razão, e dos direitos que o homem adquire na sociedade. — Que os Lugares da Magistratura, e os Officios da Justiça, e Fazenda, e geralmente todos os cargos, e occupações públicas haõ de ser por huma especie de Lei con-

suetudinaria entregues a homens, que os não sabem desempenhar, e que não ha de acabar por huma vez este desgraçado systema dos *afilhados*, e *protegidos*, os quaes até agora tem feito de algumas administrações públicas, ou hunx covil de ladrões, ou huma cavalharice de bestas, e não poucas vezes ambas as cousas ao mesmo tempo.

Tudo isto, meu amigo, penso eu que não haverá alguém que o não espere, ou que não julgue preciso, e absolutamente indispensavel, tocar em todos os objectos, extinguindo humas cousas, e reformando outras mais ou menos, porque em todas ou ha abusos, ou huma impossibilidade absoluta de continuarem a existir, dado hum systema constitucional; e até seria delirio accreditar que huma Nação entrasse em hum movimento politico de tal ordem para conservar instituições, que não existem em parte alguma do mundo que se governa pelo bom senso, e que por experiencia propria de Seculos de desgraças, a leváráo ao ultimo apuro de soffrimento.

Todavia eu julgava que esta refórma não podia fazer-se em hum objecto só, e que era essencialmente preciso que o systema todo fosse ao fogo, á bigorna, e á lima. Parecia-me por isso que seria o maior dos erros entender já, e sem mais ver livros, como se costuma dizer, por exemplo, com dizimos, com direitos territoriaes, e outros artigos desta importancia, que fazem a unica sustentação de muitos milhares de homens em Portugal, e aos quaes será necessario proporcionar outros meios de viver: não fallando nas compensações, e contemplações que he preciso ter com os direitos adquiridos — Eis-aqui, dizia eu, huma obra digna, e só propria das Cortes. A Nação he interessada com effeito nestes melhoramentos; deve fazellos, porque he impossivel deixar de os fazer; mas a Nação he o composto de milhões de individuos; se o todo ganha, muitos em particular perdem; e posto que devão perder, a Justiça, e a Política exige que tudo isso seja o resultado de huma acertada combinação do interesse geral com o interesse individual; porque aquelle não póde existir nunca sem este: bem do todo, dizia o Cura da minha terra, he a somma do bem de cada hum.

Taes eraó as minhas idéas com que fui criado, e a

que me atherrei sempre: muito mais porque ouvia aos outros o mesmo, com pouca differença; idéas que eu suppunha proprias, e até praticaveis em estado de revolução: e como V. m. não gosava ainda então de nome algum entre os Sábios da Nação, nunca me lembrei de o ir consultar, e por isso continuava no mesmo *fanatismo politico*. Hoje porém já sou outro homem.

V. m. appareceo de repente em Lisboa a escrever, e depois de certo dia, em que disse maravilhas, ninguém mais pôde resistir-lhe. De mim o digo — Estou convertido! O seu Periodico, meu amigo, abriu-me os olhos, e fez-me convencer de que neste jogo de Governo V. m. he o unico, que tem dado no vinte. Com effeito V. m. vai sempre dizendo o que entende, dê aonde dêr; com tanto que lhe páreça a favor do público, pouco lhe importa o mais. Como bom Redactor, e com grandes conhecimentos de Economia Politica, diz V. m. o que se deve fazer para bem da Nação, e deixa com muita razão ao Governo a execução, que na verdade he bagatella, porque todo o trabalho está na invenção do alvitre, e o merecimento na publicação d'elle. Em não se perdendo tempo tudo o mais apparece feito tão bem, e tão depressa como botaõ de chumbo em folha de cobre.

Quanto leio de V. m. tem-me encantado: mas o que sobre tudo me maravilhou, foi aquelle artigo que V. m. escreveu no seu N.º 13 debaixo do titulo *Tempo perdido*. Só esta epigrapha val hum Periodico!! Diz V. m., e com muita razão, que nada fizemos ainda senão gritar *viva El-Rei*, &c., e eu digo o mesmo, porque se nós temos dado naquella cousa dos *Cathecismos*, de que V. m. se lembra ahí tinhamos conhecida logo theoricamente em todo o Reino, a natureza do Systema Constitucional; e o povo ficava immediatamente a morrer por estas cousas: e sem *Cathecismos* bem se vê que elle não tem enthusiasmo nenhum pela causa da Patria.

Como nós nunca podemos ser *Portuguezes* sómente, porque houve tempo em que tudo era *Inglez*; e aquelle em que tudo era *Francez*, succedeo agora outro em que tudo he *Hespanhol*, (que já vai tendo seus laivos de *Napolitano*) diz V. m. humja verdade tamanha como humas casas,

quando affirmo que temos perdido hum tempo precioso em não se fazer o que lá se fazia: quero dizer na Hespanha.

Por exemplo: os Parochos lá explicavaõ huma Constituição feita, e jurada por El-Rei, os nossos cá devem explicar huma Constituição que ainda não se fez, e que o Soberano ainda não jurou (1); mas isso he o mesmo; ou feita, ou por fazer tudo he Constituição: em todas ha as mesmas idéas, e principios geraes; a mesma base: todas saõ

(1) Chegaõ do Rio noticias de que El-Rei approvára a convocação das Cortes chamadas pela medida velha. Diz-se mais que Elle manda ir ao Brazil o resultado destas Cortes para o approvar se lhe parecer; e que vendo entaõ a altura, que isto vai tomando, virá Elle, ou cousa sua para estar entre nós. Perdoa aos do Porto; reprehende os ex-Governadores, e faz outras Mercês pelas quaes os agraciados tem direito á honra de beijar-lhe a Mão.

He certo que Elle respondeo agora pelo mesmo caso, por que da cá se lhe fez a pergunta em 10 de Setembro, e por tanto quando lá chegarem as outras perguntas, que se lhe fixeraõ depois do primeiro de Outubro, he muito de presumir lhe mereçaõ que Elle responda de outro modo, e não lhe pareça mal o que temos feito, antes o approve: já se sabe, aquillo que sòmente d'Elle depender, porque o mais não precisa. Se não quizer Eu sei! Sempre me pareceo mais difficil contentar a quem quer, do que a quem não quer — Hoje he inutil perfeitamente andar com estes rodeios, e historias da carochinha, com que nos costumavaõ adormecer nossas Avós — Tenbo ouvido em toda a parte, que nós havemos de ter huma Constituição, e hum Monarcha Constitucional, porque o queremos ter, porque he necessario, e indispensavel em nossa situação politica, e porque ninguem tem direito, nem autoridade para o impedir. O que me parece sem dárvida he que toda a Nação está deliberada a acabar antes, e a sepultar-se debaixo das suas ruínas, do que deixar incompleta esta grande obra, que tem começado. A Constituição não existe certamente ainda nem de Direito, nem de facto, mas existe já traçada, e concebida nos corações, e nas esperanças de todos os bons Portuguezes, e os seus legitimos Representantes vão levantar sem demora este monumento eterno, e para sempre glorioso da sua bem merecida felicidade. Portuguezes! á lertia? Tremão os máos!

Nota do Compadre de Lisboa.

a mesma cousa; porque todas são semelhantes — Dois óvos tem os mesmos principios, a *mesma base*, e parecem-se perfeitamente hum com outro; bem que hum sahisse já da pata que o pôz, e outro esteja ainda dentro da pata, e talvez do pato.

Lá, quero dizer, na Hespanha, a Nação sabia já o o Governo que tinha; cá sabe só o que deseja, mas de possuir a desejar não ha differença nenhuma; e por tanto devemos cá fazer outro tanto, porque, caso negado sobrevenhaõ embarços, as idéas liberaes tudo aplainão — Em havendo *Cathecismos*, meu Amigo, fica tudo corrente. *Cathecismos*, e mais *Cathecismos*, e deixe gritar os descontentes.

A idéa das Associações, ou Juntas Patrioticas he divina. Se nos dêrmos mal com ellas, faremos o mesmo que os Hespanhoes fizeraõ: prohibem-se, e com isso se acaba tudo. Mas se de certo cá não ha de succeder o mesmo, porque os espiritos estaõ em perfeito socego; todos tem idéas do bem; todos o querem, e todos o praticão; lá não era assim. Como se achavaõ marcados os destinos politicos da Nação, era perigoso consentir em ajuntamentos, que o misterio pôde desviar do caminho da razão, sendo por isso impossivel que nas trévas se buscasse minar o edificio social; cá não devemos reear o mesmo damno — Não ha destino nenhum marcado ainda, não ha por tanto receio de que elle seja alterado: quando o houvesse os *Cathecismos* aplainavaõ tudo; eu lho protesto.

A lembrança que V. m. suggere dos Dramas *fartos de idéas liberaes* para se representarem nos nossos Theatros, he com effeito a melhor cousa, que podia adoptar-se agora; e o Governo tem feito hum mal infinito em não abraçar já este seu conselho. Incertos do que Deos tem determinado sobre nossa futura situação politica, ignorando perfeitamente o que seremos, mas dizendo-se, e desejando-se que vivamos sujeitos a hum Monarcha, e que a sua Pessoa será agora ainda mais sagrada, se he possivel, para o respeito de seus Vassallos, nada he tão capaz de radicar no povo estas idéas, do que a representação de factos historicos, em que se levaõ ás nuvens os heróes, que assassinaõ Reis, ou que os detestaõ, e que pintaõ, e defendem como melhor dos Governos o Governo *Republicano*. Isto Senhor

Redactor do *Astro da Lusitania* he que se chama saber conduzir a opiniaõ pública para o bem, e para a felicidade geral. Que magnificas idéas de Soberania, e de *Constituição Monarchica!* *Catecismos* para os homiẽs do campo, e *Dramas Liberaes* para os das Cidades, e verá aonde isto vai dar comsigo.

Sou perfeitamente da sua opiniaõ sobre o *tempo perdido*. — Estes Governadores, meu Amigo, não tem feito nada — Os póvos não sabem com effeito pela pratica o bem que lhes resulta da nova ordem de cousas, e o seu argumento dos habitantes de *Alcobaga*, e de *Thomar*, dos campos de *Coimbra*, e outros, não tem resposta. A que proposito em verdade, devem estes desgraçados estar pagando ainda direitos dominicaes das terras que lavraõ? Que nos importa que taes direitos fossem adquiridos por titulos capazes de transferir dominio, e propriedade, e o direito da propriedade seja a base do edificio social? Essa base era do edificio velho, e nós queremos hum edificio novo inteiramente — Liberdade é mais liberdade em fallar, em escrever, e em obrar: esta he a verdadeira base dada pela natureza, e nós voltámos ao estado da natureza: ao menos eu nesse estado vejo muita gente — Semear hum, e outro colher he abuso, e hum quanto mais velho he, mais necessidade ha de o emendar — Lavre cada hum terras á sua vontade, apanhe os fructos que tiver, e os Senhorios que vão á tabua — Como querem elles ter parte no suor alheio? Senhorio em paiz Constitucional? He forte asneira!!! Isso he *Direito Feudal*, como V. m. lhe chama, apezar de que em Portugal nunca houve *Direito Feudal*; mas isso não importa. V. m. diz que he *Direito Feudal*, e eu tambem por tal o baptizo, o esconjuro, e arrenego. E para que existe elle ainda? Bem diz V. m.: *tempo perdido*.

Quanto me regalei, meu Amigo, quando vi aquella sua lembrança dos *pescadores da Fedeirneira!* Ha maior deshumanidade do que terem estes desgraçados a obrigação de repartirem com os Rendeiros o peixe, que pescaõ? Já que arriscaõ a sua vida, pesquem só para si. O que paga o peixe he *dizimo* applicado á sustentação dos *Ministros do Altar*, e estes podem passar sem isso. Na Doutrina Christã nunca me ensináraõ que seja artigo de Fé comerem elles:

fica por tanto meramente disciplinar; que se póde alterar; quando nós quizermos. Além de que o *Concilio de Trento* permittio ordenarem-se Clerigos com patrimonio, e ahi está remediado tudo. Hum patrimonio he hum capital que dá 200 réis de renda; e se hum homem póde passar com menos, como eu já ouvi, melhor poderá com tanto dinheiro; e mais agora que já usamos *Casacas Constitucionaes*, por aquella celebre mania de quermos favorecer as nossas fabricas, e guardar o nosso dinheiro.

Paga-se mais do peixe a Sisa chamada vulgarmente das *correntes*, e isto de Sisas he a maior tolice em que podia dar os nossos antigos — Costumão os povos applicalas para inteirar o cabeçaó, que he d'El-Rei por contracto; mas V. m. bem sabe que El-Rei he muito rico, e não precisa destas ninharias. Os sobejos são para pagar partidos de Medicos, Cirurgiões, Boticarios, despezas de Engeitados, e ás vezes de pontes, fontes, calçadas, casas de Camara, de Cadeia, e outras; mas tudo isto he frioleira; são bagatellas de pouco momento; não valem a pena de se despendêr hum real nellas; e o Governo huma vez que não tem deitado abaixo até agora aquelles rendimentos, que lhe são applicados, não tem feito nada — Bem diz V. m.: *tempo perdido*.

Aquella Sentença com que V. m. acaba este seu artigo o *Tempo perdido*, he *golpe de mestre*. Ha cousa mais bem aproveitada! *Cesar*, e *Clovis* para provar o tempo perdido! O certo he que os seus discursos não podem deixar de ser conhecidos pela grande erudição, que nelles desenvolve: vejaó aonde foi buscar tão linda semelhança!! Hum dia hei de ir a sua casa dizer-lhe ao ouvido o juizo, que do seu Periodico se fórma nos paizes Estrangeiros; e não lho digo diante de tanta gente para que não me chamem lisongeiro.

Bem haja, meu rico amigo, por aquella *surra* que tem dado nos Bispos! Elles merecem-a; porque se não fosse pelo que V. m. diz, será por outra cousa. E mal sabe V. m. o bom effeito, que tem produzido no público aquelle titulo debaixo do qual os atacou no seu N.º 12 — *Silencio intempestivo*! Com effeito he linda cousa! Silencio antes, ou depois do tempo! Ora confesse-me V. m. a verdade, e diga-me se eu advinhei. Ha poucos dias tive huma teima

com hum sugeito, o qual chamava a isto impostura, pretendendo que V. m. usava desta innocente malicia para desafiar a curiosidade, e appetite dos freguezes, como letreiro em garrafa de licor; por exemplo, *Azeite de Venus, Leite de Amor, Tortulhos de Buonaparte*, &c. &c.; mas eu dizia que não, por me persuadir que V. m., como homem bem arranjado, usa destas marcas para saber a qualidade de fazenda, que arruma debaixo dellas; porque he muita, e já lhe custa a achalla quando a busca. E o sahirem tão sentenciosas as lembranças, he cousa de seu genio, que não pôde escrever nada que não seja com infinita graça, e propriedade.

Mas fallemos dos Bispos — Eu tinha já reparado neste silencio delles, porém dava-lhes minha desculpa — Eis-aqui como eu fallava *com Deos, e comigo*. Estes Senhores são *meninos*, como costumão dizer, forão Lentes da Universidade, e já se vê que não estudaraõ para rôlos. No tempo dos Francezes souberaõ que entrava em Lisboa hum Exercito invasor, faminto, nũ; hum Exercito capitaneado por Chefes sedentos de riquezas, que lançavaõ logo mão da propriedade da Nação, e até da de muitos particulares: viraõ occupados os primeiros Lugares da Administração Pública por homens addidos a esse Exercito, que entraraõ na fruição dos ordenadõs correspondentes, augmentando-os quanto elles podiaõ crescer. Viraõ a Casa de Bragança cahida do Throno, privados os Portuguezes do seu legitimo Soberano, e tratados como habitantes de paiz conquistado, sendo unica Lei a vontade de quem os dominava, e opprimia.

O povo soffrendo mal o pezo de jugo tão enorme, queria sacodi-lo; mas não o podendo conseguir, tambem não podia suffocar a demonstração de seus desejos, e por isso aqui mostrava por factos a sua má vontade; acolá por ditos: era hum fuzilado, prezo o outro; este tirado do Lugar, aquelle mandado para França. — Em tal calamidade os Bispos forão o que deviaõ ser; isto he, verdadeiros Pastores — Animaraõ as suas ovelhas, fallaraõ-lhes, persuadi-raõ-as a estarem socegadas, e a soffrerem com paciencia: mostraraõ-lhes a necessidade da obediencia, e a legitimidade della — Se outra cousa fizessem faltavaõ ao seu ministerio, e até aos deveres da sua propria conservação.

No caso em que estamos, continuava eu *com Deos, e comigo*, a cousa muda de figura: entrou sim hum Exercito em Lisboa, mas Exercito Nacional, disciplinado, bem vestido, farto, bem pago, commandado por Cabos, a quem só conduzio o amor da sua Patria, e o bem della; e conservou-se a paz, fez-se respeitar a Lei, e a Ordem.

Hum novo Governo succedeo, he verdade, mas foi para manter, e sustentar no Throno o legitimo Soberano: e os Lugares foraõ occupados por quem não tira delles hum ceitil de interesse — Outro Governo deve succeder; a propriedade continuará a ser sagrada, e a Lei a regra unica das acções dos Portuguezes.

Os Bispos testemunhas destes factos, sabendo que a vontade da maioria da Nação he a favor da mudança; que o povo está contente, sosegado, e esperando com alegria o venturoso futuro, que se lhe apresenta; vendo em fim respeitada a Religião, e os seus Ministros, que necessidade tem, dizia eu, de fazer o que fizeraõ no tempo dos Francezes? Seria huma inconsequencia se o fizessem.

He verdade que V. m. discorre melhor do que eu; porque quer nos Bispos entusiasmo, e que a Religião ajude a Policia: entretanto lá me parece que he querer muito — V. m. vivia sabe Deos aonde, e como, porque eu de certo o não sei: ninguem fallava no seu nome, e, quando figurasse muito, figurava por lá, hoje figura por cá: he senhor Redactor, ganha em hum mez o que provavelmente não ganhava antes em meia duzia delles; adquirio o direito de fallar de quem quer, de metter a faquinha naquelles cães, que lha pregáraõ lá na sua terra, escreve em Politica, e vai-se preparando para ser hum homem lá por ahí além. Eis-aqui o que V. m. tem tirado da nova ordem de cousas, não fallando nos seus elevados projectos, de que só V. m. pôde informar-nos, bem que não devaõ ser trevias; porque V. m. como parente de *Phaetonte* (porque usa das armas da familia) não ha de desejar cousas pequenas.

Os Bispos tendo as rendas da Mitra, como borracha no pé do fogo, ouvindo as lamentações dos Conegos, e Beneficiados, vendo as caras dos Geraes, e Provincias das Monasticas, e Regulares; sabendo destas faustissimas, e

Isongeiros Profecias, que V. m. faz a todos elles no seu Jornal, e muito agradados do respeito com que V. m. os trata, poderão acaso ter a mesma vontade de elogiar, e de pregar a favor da nossa revolução? Mas V. m. sabe o que diz, e eu não — V. m. quer que os homens mudem a natureza, e que falhe, pela primeira vez, o Evangelho Portuguez — de dizer cada hum da Festa como lhe vai nella — V. m. he hum consumado Politico, e eu sou hum pateta, e não deixarei já de o ser.

Não posso deixar de admirar aquelle sangue frio com que V. m. no seu N.º 16. conta que se portou em hum Café na occasião em que ouvia censurar o seu Periodico — Poucas pessoas terião o mesmo bôjo de se calar, e guardarião, como V. m. guardou, o seu despique para o papel, e tinta; mas V. m. he hum homem Literato, e he demais hum Escriptor, e estes a não pegarem na penna ficaõ sempre mal: exceptuando o nosso Camões, e outros, que tambem puxavaõ pela espada, mas esses hoje são heroes da Fabula.

A differença que V. m. faz do *Direito á Moral* para convencer o Governo de que elle deve fazer alguma cousa, e não estar, como até agora, com as mãos debaixo do braço vendo pernear o doente, he a cousa mais engenhosa, que pôde haver. E aquellas *alegorias*, ou como lhe chamaõ, de Procuradores, e de Committentes, ou Constituintes he argumento de metter os tampos dentro; porque lhe digo em verdade que ainda que queiraõ, não lhe respondem.

Mas não ha remedio senão desviar-me agora hum pouco das suas opiniões. Se V. m. fosse Advogado não cahiria em confessar cousa que pôde interessar ao adversario do seu cliente. Atacar o Governo por não fazer nada, e referir algumas cousas que elle faz! Meu amigo, todos nós cahimos, por mais espertos que sejamos! E para que não torne a acontecer-lhe outra; ou ao menos para que saiba como ha de haver-se, quando a cousa for tão publica que a não possa negar, aqui lhe direi o que entendo, na materia — A grande regra he fazer sempre fogo ainda que seja em retirada — Como V. m. não he Militar, vou explicar-lhe o Regulamento.

Falla V. m. por exemplo da *Intendencia Geral da Policia*. — Ainda que ella hoje não seja senão vigia contra os mãos, e a protectora do Cidadão pacifico e honrado, que já pôde passear e dormir socego na certeza de que sem crime não será prezo, e menos em segredo; V. m. ou negue os factos, ou no lugar disso diga, mudou-se hum homem, e tudo o mais ficou. Os mesmos belleguins, os mesmos estabelecimentos, o mesmo tudo; até as mesmas lamas, os mesmos candieiros, e a mesma Casa Pia; por tanto farelorio, pétas.

Outro tanto responderá V. m. ao estabelecimento da Commissão do Terreiro, da Commissão do Correio, da Junta da Saude, das Obras Militares, da Liquidação da Dívida Pública, da Commissão Militar, e da do Erario. Tudo isto he de pouca ou nenhuma importancia, porque são cousas que ou haõ de fazer mal; ou de que não podem resultas bens; porém se os houver seraõ taõ demorados, que não valem a pena de se considerarem ou estimarem, e menos de se esperar por elles. São *capatos de defuncto*, meu Amigo, ou pelo menos *oliveira de carogo*, que só dá azeite no fim da primeira geração. Tambem sou da opinião daquelles que querem que as medidas do Governo sejaõ como as *purgas*, e os *vomitórios*, que para serem bons, devem obrar logo; de outro modo o doente está em perigo.

He verdade que no principio deste Governo havia no Erario pouco mais de cincoenta mil cruzados; e muitos Soldados (e talvez alguns Officiaes!) pedião esmola, porque o Estado devia a grande parte do Exercito sete mezes; tudo isso se pagou, tem-se continuado a pagar, e até a dar-se-lhe paõ, carne, e vinho sem se fazerem embargos ou vexações: tem-se continuado as outras despezas públicas, pelo menos, tambem como dantes; e no Erario havia no fim de Novembro, isto he, dois mezes depois, muito mais de hum milhaõ de cruzados, sem se ter pedido hum só real de emprestimo a toda a Nação. — Mas apesar de tudo isto ser publico, e visto por todos, diga V. m. ou que tal não ha, ou que o Governo não tem nisso merecimento nenhum, porque tudo he filho do acaso; e que finalmente aquelle *Dinheirão*, vindo do Rio de Janeiro, foi o que encheo o Erario, e que deo para todas essas cousas.

He verdade tambem que em todos os ramos de Administração Pública tem entrado o espirito de actividade, que resulta da nova ordem das cousas, apezar da maquina trabalhar ainda com rodas velhas: as partes são ouvidas sempre que o querem ser: os requerimentos despachados logo: nos informes, e nas consultas conta-se agora por dias a demora, que antes se contava por mezes: cada hum requer, como lhe parece, sem medo, ou receio de se queixar. A Nação já principiou a eleger seus Representantes, gozando hum bem que nunca possuio: vai-se reanimando em fim este corpo moribundo, e proximo a dar o ultimo arranco: mas a cura vai de vagar, como he necessario ir, para poder com mais segurança escapar, e não cahir no perigo opposto; e tudo isto vai-se fazendo em pouco mais de dois mezes. — A isso com tudo responde V. m., que não vê nenhuma dessas cousas; que ainda ouve queixar de Tribunaes, Ministros, e Escrivães; e que finalmente tudo isso não vale nada; e quando valesse alguma cousa, não he huma reforma como se precisa, e dois mezes e meio era tempo mais que bastante para reformar até o Imperio da Alemanha com o Corpo Germanico e suas adherencias, quanto mais hum Reino tão pequeno como Portugal. Se os Governadores não perdessem o tempo como os nossos tem perdido, estando sempre com as mãos debaixo do braço, tudo estava já feito.

Ora aqui tem V. m. o que se chama fazer fogo em retirada. Voltemos atraz.

V. m. continua, em o seu numero 16, a repizar o caso dos moradores de *Thomar*, e de *Coimbra*: dos pescadores da *Pederneira*; das *Associações Patrióticas*, e dos *Dramas Liberaes*. Nisto faz V. m. muito bem, porque á força de repetir a mesma cousa elles haõ de aprender. — Hum *Frade* era chamado para prégar todos os annos em huma Festa de Regateiras, e prégava sempre o mesmo Sermaõ. A quem lhe notou isso, respondeo elle = em quanto ellas o não souberem de cor não lhes prégo outro. = Não digo que V. m. he como o *Frade*, nem eu me attreveria a compara-lo em tudo com huma cousa a que V. m. mostra tão decidida aversão; porém aquella sua comparação de *Cesar*, e de *Cloyis* faz-me tambem *Comparador*, e ha de

perdoar-me se alguma vez me escapar sem advertir no que faço.

Lembra-se V. m. dos desgraçados *Saloios*, que vem á Cidade vender generos, e pagão imposto na entrada. Esta mesma embirradela tive eu ha poucos dias; e quero-lhe contar, como isso foi. — Dizia eu em hum café (porque de vez em quando tambem visito estes *Lausperennes* da ociosidade) ha maior insolencia do que mandar-me qualquer amigo hum presente de vinho, de fructa, ou de carne, e ser obrigado a pagar direitos? Isto não se pôde soffrer! Para que fizemos nós huma revolução; não foi para sermos livres de todos os males? E qual será maior do que este?

Meu Senhor, respondeo-me certo devoto que estava tomando hum ponxe de agoa-ardente de França, (agoa-ardente de França a vender-se publicamente em Lisboa!!!) V. m., continuou elle, provavelmente ignora o que ha sobre esses direitos de entrada, e não sabe, que, levantados elles; o proveito he de certas classes, e não de todas as classes. He proveito dos Frades, cada hum dos quaes tem meia pipa de vinho, livre de direitos, para beber. He proveito dos Ministros; dos Letrados, e dos Procuradores, que recebem por mimo dos miseraveis demandistas das Provincias as canastras de fructa, de presuntos, de paios, e os barris de vinho, tambem livres de direitos — He proveito dos Bispos, do Alto Clero, dos Fidalgos, e dos grandes Negociantes, que para regalo mandavaõ vir continuamente estas encommendas, nas quaes, já se sabe, entrava disfarçado o extrávio, porque á sombra do amo mettia o criado, para o visinho taberneiro, ou dono da casa de pasto, o que era para vender; e finalmente era proveito dos abastados proprietários, ou donos de quintas nas vizinhanças da Cidade, que mandavaõ vir os fructos dellas; sendo mui pouco, ou quasi nenhum o proveito que tirava a classe media, que he a mais consideravel, e a mais digna de attenção nestes objectos; e por esse insignificantisimo bem o Erario perdia mais de cem mil cruzados annualmente, e V. m. bem sabe que sem dinheiro a Não do Estado encalha no secco, e muito mais facilmente ainda quando as agoas são envoltas, e a maré de vendaval.

Eis aqui, meu Amigo, o que me respondeo o tal pon-

chista, que se ausentou para não ouvir a resposta; aliás não ficava sem ella; porque eu também sou como V. m., a tudo tenho que responder, e já se sabe, sempre contra.

V. m. nota muito bem a falta de liberdade de se queimarem os vinhos, porque neste anno a colheita delles foi excessiva. — He verdade que nenhuma lei em Portugal prohibe, antes expressamente permite ao Lavrador o queimar o vinho de sua lavoura, e por tanto se o não fizerem este anno será por não quererem, e não porque não tenham essa liberdade. Também he verdade, que só nas tres Provincias do Norte a Companhia do Douro tem o privilegio das agoas-ardentes, e que nellas mesmas ha Fabricas, aonde cada hum pôde vender o vinho, que tiver da sua lavoura, ou do seu commercio, não sendo de esperar que em taes sitios apparecessem agora, por maiores que fossem as franquezas concedidas pelo Governo, Negociantes nem mais abonados, nem mais promptos para pagar este genero.

Apezar disso eu também sou da sua opinião: a Companhia he *hum* *Hydra*, e deve deitar-se abaixo já: pelo menos deve-se-lhe tirar este privilegio das Agoas-ardentes, porque assim, quitados os 400 réis da licença do Phisico mór do Reino (a V. m. nada escapa!) fica tudo hum maravilha. Entrão logo a apparecer de repente, e como por encanto, fabricas nas tres Provincias: entrão a apparecer ainda mais encantados Negociantes, com grandes fundos, para fazer grandes estabelecimentos, que possam competir com os da Companhia, e fazer-lhe sombra, comprando os vinhos, e soffrendo os empates que tem as agoas-ardentes; e finalmente os Lavradores tendo compradores, que lhes dizem *mais a mim; mais a mim*, vendem com a mão na ilharga, e lucrao cento por cento. Veja V. m. que desmazello em não se ter dado ao Lavrador a liberdade, que ninguem lhe tira! Bem diz V. m. *tempo perdido*. Com duas pennadas se fazia a fortuna de Portugal, e entretanto nada: tudo he apathia, ignorancia de principios economicos, em fim *miserias, miserias*, como V. m. costuma tratar (e com muita razão) as Governanças do nosso Paiz.

Quanto ao azeite parece-me também hum desmazello terrivel o não dar já providencias sobre elle. He verdade que elle apanha-se ainda, e vai-se fazendo, a colheita tem

de durar; e nas Províncias septentrionaes do Reino ha de começar ainda, e por tanto mal se póde saber já o que se ha de fazer sobre hum objecto, de que não ha por ora resultado certo; com tudo estou pelo seu voto: *tempo perdido*.

Não acho porém (e V. m. perdoará) aquella comparação da Junta dos cem Medicos tão boa como a de *Cesar*, e *Gloyis*, de que V. m. usou. Cem Medicos! Santo Deos! Que doente podia vêr-se livre de cem Medicos, quando custa escapar das unhas de hum?

Mas a fallar a verdade parece-me que nisto não tem V. m. tanta razão como pertende inculcar. Molestias chronicas, meu Amigo, só matao quando se pertendem curar com as pressas com que V. m. quer fazer tudo. He isto o que tenho ouvido aos bons Praticos. V. m. talvez em Medicina seja mais forte nas theorias; e por isso peço licença para me desviar agora do seu voto.

A homilia vai-se estendendo muito, e devo acabar. Espero que V. m. continue com o mesmo enthusiasmo, porque a causa da Nação por certo ha de prosperar — O tom que V. m. tomou he o que lhe compete, e o mais proveitoso. Falle sempre decisivamente em ar de *Concilio Ecumenico*; nada dê-se aviltar á baixeza de provar o que disser; dê os factos por certos, e deixe-os xiar: toque com preferencia as teclas mais desaffinadas para ser o som mais desagradavel: não louve cousa alguma, que se faça; não ache boa nenhuma medida, nem dos Empregados, nem do governo: ataque este, pelo que faz, e pelo que não faz: ralhe de tudo, e não se esqueça de suscitar os animos de humas classes contra outras, fallando do Clero, e da Nobreza como de gente, que não goza nem de consideração, nem de direito algum social, e que perdeu até o de se defender, e para isso o de ser ouvida. Fazendo isto tão lindamente como o tem feito até agora, eu lhe seguro, meu amigo, que faz hum serviço aos seus compatriotas; porque mantem entre elles a união de que tanto precisam para acabar a mais gloriosa das empresas.

Advirto porém que no fim de ter escrito tudo isto, e com aquelle desenxovalho, clareza, e energia que he propria de hum homem de seus grandes conhecimentos; e reputação litteraria, e tão perfeitamente seguro, como V. m.

está, de sua conducta civil, moral, e religiosa, grite sempre que não ha liberdade de Imprensa em Portugal; que viver aqui he peor que viver em Marrocos; que a maldita Censura não deixa passar nada, e que, n'humra palavra, he preciso morrer embuxado.

Falta-me ainda dizer-lhe duas cousinhas. Como este Governo protestou nada alterar, segundo V. m. muito bem notou, e como pelo que vou vendo, ainda que elle quizesse, não podia fazer mais do que faz, porque me dizem que se tem visto atrapalhado para conduzir as cousas até aqui, pelo maldito systema da moderação, que adoptou para desgraca nossa, querendo que se observem as Leis existentes, ou, quando se fação outras, sejaõ com a mesma regularidade, sem advertir que em todas as revoluções ha sempre Leis revolucionarias, proprias só deste estado de cousas, e até agora não vimos nenhuma dellas, com pasmo, e sentimento dos amantes da Patria; parece-me que com effeito, a ser preciso fazer antes das Cortes tantas cousas ao mesmo tempo, como V. m. diz, o tal Governo não he capaz disso, e provavelmente não o será qualquer outro, porque a obra que V. m. encommenda he muita com effeito; e por tanto lembra-me que, se nós podessemos arranjar hum *Governo de Vapor* graduado com o calor que quizessemos (porque alguns escaaldaõ com a quentura demasiada) tinhamos conseguido hum grande bem para a nossa Patria; e bem que só traria de mal, não ser preciso já o seu Periodico, porque não haveria entãõ já motivo para atacar os que governaõ. Entre tanto sempre V. m. havia ser necessario para aconselhar o que convinha fazer-se, segundo os principios da mais solida Politica, em que estou desenganoado, de V. m. ser hum mestre consumado, e tinha V. m. o gosto de ver tudo feito apenas o concebesse: porque o vapor tem isso; augmenta as forças pasmosamente — Ora pense V. m. nesta invenção, que me parece não deixará de agradar-lhe, apezar de não ser cousa sua. Continue V. m. a fazer Evangelhos; e eu continuarei a fazer homilias; e no entanto sou

De V. m.
muito admirador

Ⓢ *Impostor verdadeiro.*

P. S.

Agora leio a sua historia do Livro velho; que vem no seu N.^o 18; e achei infinita graça naquella cousa do Portugal acordar gritando *refórma*, *refórma*! Lembrei-me de Luthero, que dizem sonhava, dando os mesmos gritos. Em paga quero contar-lhe tambem huma Historia, que li n'hum Livro novo — Certo rapaz travêssos, posto á janella, dava com huma bexiga cheia de vento na cabeça de quem passava pela rua — Outros rapazes visinhos que virão isto, dêrao-lhe gargalhada, e mandárao-lhe bôlos doces para elle repetir. O rapaz gostou, e por isso foi batendo mais de riço, porque assentava que assim teria mais bôlos; mas passou acaso o Ministro do Bairro, que levando na nuca, voltou e vio hum rapagão já taludo a rir-se, e muito desvanecido, e orgulhoso pelo mal que fazia: pareceo-lhe por isso, que era insensato; mandou-o para a casa dos orates, e lá passou muitos annos a fazer bolas de agoa de sabaão.



79-227

R+D

5 Feb. 1979





